

24/11/2017

Tem sido impossível não notar quanto “O Jardim das Aflições” revela sobre a classe artística e acadêmica do Brasil. Durante a produção e distribuição do filme, enfrentamos diferentes níveis de hostilidade e censura. Essa coleção de reações formam um grande retrato do funcionamento do mundo das artes no Brasil, especialmente do setor audiovisual. Como produtor do filme, creio ser pertinente dar uma amostra de como foi esse conjunto de reações.

Em 2015, considerando o propenso monopólio ideológico nos editais de cultura, não era possível fazer um documentário sobre Olavo de Carvalho, um filósofo que se posiciona contra os regimes de dominação de massa, especialmente os de esquerda. Como os integrantes da classe artística são em, sua maioria, fiéis direta ou indiretamente adeptos de alguma ideologia de esquerda, não era concebível que se fizesse um filme como esse. Mas cabe destacar que o trabalho de crítica política é a parte mais inicial da obra de Olavo de Carvalho.

"O filme foi exibido por semanas nos cinemas e também não recebeu essa reação. Por que uma exibição para 200 pessoas em um auditório de universidade causou tamanho furor na esquerda?"

A grande preciosidade da sua obra encontra-se em livros e cursos nos quais se fala menos sobre política do que imaginam seus piores críticos (o que prova que eles talvez não tenham lido nada do filósofo). O coração de sua obra trata de temas muito mais profundos, como a formação da consciência, a análise filosófica intuitiva e radical, a paralaxe cognitiva, etc. É precisamente nesse coração de ideias que “O Jardim das Aflições” procura se instalar. Quem vê o filme sabe disso. Ainda assim, muitos esquerdistas chamam Olavo de Carvalho, seus alunos e até o público do filme de fascistas. Isso não só é um crime como é de uma burrice atroz. O intuito do filme não era fazer uma investigação jornalística sobre a classe artística, mas agora temos documentado o comportamento dos profissionais da classe artística, dos jornalistas e das universidades diante de um filme sobre um personagem que eles tem repulsa - uma repulsa coletivamente imbecil.

Começando pela produção, o que enfrentamos foram hostilidades por parte dos profissionais do cinema de forma velada. Houve também declarações abertas como a de Fabio Leal, que virou slogan do filme: “O Jardim das Aflições é o filme que não deveria existir”. De maneira geral, o que os profissionais da área fizeram foi constranger integrantes da equipe do filme e forçá-los a não trabalhar conosco. Agiam quase sempre por baixo dos panos, o que denota o comportamento de um classe dominada por panelinhas e fofocas. As impicâncias com o filme começaram muito antes de saberem como ele seria.

Depois do filme produzido, chegou a vez de testemunhar a reação dos festivais de cinema. Nesse momento, ficou evidente que o patrulhamento ideológico (termo cunhado pelo cineasta Cacá Diegues) é bastante abrangente. Inscrevemos o filme em dezenas de festivais brasileiros e ele não foi selecionado por nenhum, inclusive no “É Tudo Verdade”, um festival especializado em documentários. Como foi possível ignorar um filme com uma demanda popular tão evidente e que foi até o momento o maior crowdfunding cinematográfico na história do Brasil? O único festival que aceitou o filme foi o Cine PE e nele ainda ganhamos o prêmio de melhor filme por júri oficial e júri popular e melhor montagem. Ou seja, a recusa não era por falta de qualidade.

Ainda assim, sete cineastas retiraram seus filmes quando descobriram que o festival havia selecionado “O Jardim das Aflições”. Nenhum dos cineastas havia visto o filme. Enquanto o público e os jurados do festival decidiram premiar o filme, incluindo Vladimir Carvalho, que é um nome importante na história do cinema nacional, os cineastas provincianos optaram pela ignorância e negação da realidade. Já era possível perceber o retrato da classe artística nacional: os artistas não falam mais para o coração do público, são incapazes de fazer críticas construtivas e estão mais preocupados em retroalimentar o ego e o bolso do seu grupo de amigos.

Prova disso é que o filme seguiu muito bem de bilheteria em se tratando de um documentário nacional. Ficou mais de 9 semanas em cartaz, passou por mais de 30 cidades e angariou mais de 25 mil pessoas de público. Somente um quinto dos documentários nacionais passa de 20 mil pessoas de bilheteria. Não tivemos nenhum problema com os exibidores. Pelo contrário, fomos muito bem acolhidos e recebemos muitas mensagens parabenizando nosso desempenho. Ou seja, os que trabalham em uma lógica de oferta e demanda não compartilham da mesma visão da classe artística. Depois de ter entrado nos cinemas, o filme foi vendido por tempo limitado em uma plataforma exclusiva e também foi um sucesso de vendas. Recebemos muitos comentários elogiosos por parte do público.

O mais surpreendente foi quando surgiram alguns estudantes querendo exibir o filme nas universidades. Mais do que em qualquer outra etapa do filme, essas exhibições foram o

momento em que enfrentamos a hostilidade mais radical. Considero essas exibições o diagnóstico mais significativo da situação cultural no Brasil atualmente. Na primeira exibição na **Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**, o Partido da Causa Operária (PCO) organizou um evento de protesto no mesmo dia e horário. O que aconteceu em seguida muitos já sabem. Depois da exibição, os militantes tentaram invadir o prédio e agredir o público do filme. Foram impedidos por uma dezena de integrantes da exibição que conseguiram barrar a horda com seus próprios punhos.

Tudo aquilo me pareceu muito fora de proporção. O filme foi exibido em um festival de cinema e não recebeu tamanha hostilidade. O filme foi exibido por semanas nos cinemas e também não recebeu essa reação. Por que uma exibição para 200 pessoas em um auditório de universidade causou tamanho furor na esquerda? Acontece que, agora, definitivamente entramos no seu território sagrado. A exibição não era um ato de ataque, mas a militância esquerdista a interpretou dessa maneira e acabou revelando o valor que dão ao território que lhes é mais caro: a universidade. Eles sabem que um auditório com 200 alunos em uma faculdade tem um valor cultural igual ou maior do que um festival de cinema.

Dostoievski descreve em “Crime e Castigo” a trama psicológica de Raskolnikov. Ele demonstra as etapas psicológicas que Raskolnikov sofre após ter matado e roubado duas pessoas. Após o roubo, ele esconde os bens em seu apartamento. Toda vez que alguém chega perto do esconderijo, Raskolnikov fica raivoso e instável. Vejo um comportamento semelhante na militância que tenta impedir a exibição do filme nas universidades. Por que tanto ódio contra um filme? Porque a exibição desse filme revela um crime que eles têm medo de admitir: o aparelhamento das universidades e o uso dos centros acadêmicos como instrumento de formação de militância. Esses grupos que circundam o PCO, MST e PT querem única e exclusivamente perpetuar seu discurso hegemônico na academia assim como se perpetuam nos aparelhos do governo. Na exibição na Universidade Federal da Bahia (UFBA), um militante ainda levantou um cartaz escrito “morte aos cristãos”. Ou seja, de um lado você tem pessoas querendo ver um filme e de outro você tem pessoas querendo destruir, silenciar e até matar.

No final das contas, “O Jardim das Aflições” tem servido de termômetro para a situação da cultura nacional. E o diagnóstico atual é que os artistas estão preocupados somente com seu pequeno grupo de amigos, a classe artística não fala sobre temas que interessam a população e as universidades são o território sagrado onde a esquerda não tolera nenhum tipo de diálogo. O que era para ser apenas uma obra de arte se tornou um retrato do comportamento tirânico das classes letradas.

Em seu livro “Aristóteles em Nova Perspectiva”, Olavo de Carvalho demonstra que sempre

racionamos em cima dos objetos que apreendemos pela nossa imaginação. Ou seja, racionamos com base na biblioteca de símbolos presente em nosso imaginário. Se algo em nossa alma está soterrado pelo desconhecido, é comum termos medo daquilo. E o salto do medo para a agressividade é curto, pois em cima do medo construímos nossas quimeras. Como se pode ver pelos acontecimentos que circundam “O Jardim das Aflições”, seus críticos mais ferozes são justamente os que não sabem nada sobre o filme. Essa raiva surge a partir do medo do desconhecido, um medo que nasce da ignorância. Se o sono da razão produz monstros, como diz a gravura de Goya, isso faz ainda mais sentido quando falamos de um filme sobre um filósofo conhecido por ter razão. Os que se negam a ver a realidade sobre o filme, projetam em seu público e em seus realizadores a imagem de monstros. Fazem isso no mesmo instante em que gritam pela morte dos cristãos demonstrando assim a contradição em que vivem: são eles mesmos os monstros que temem ver em nós.

[Link da Matéria](#)